



Aula ao vivo de redação (06/08/2013) - EIXO TEMÁTICO 02: Cultura Nacional (Parte 02)

Parte 2: Quem é o brasileiro?

7. Os fragmentos abaixo sugerem **imagens** do brasileiro. Comente-as.
- a) “Ninguém respeita constituição, mas todos acreditam no futuro da nação.” (Renato Russo)
 - b) “Brasil, mostra a tua cara!” (Cazuza)
 - c) “No Brasil, fazer sucesso é muito perigoso.” (Tom Jobim)
 - d) “O brasileiro precisa perder essa mania de ter esperança.” (Fernanda Montenegro)
8. Um dos conceitos mais difundidos da obra de Sérgio Buarque de Holanda foi o do brasileiro cordial. A rigor, essa **cordialidade** não tem qualquer relação com os ritos de polidez e educação; ao contrário, opõe-se a eles. Defina esse **conceito** e o relacione a **práticas sociais** brasileiras.
9. Em uma pesquisa de opinião feita pela revista Época, o brasileiro constrói sua auto-imagem com os seguintes adjetivos: alegre, confiável, generoso, trabalhador, honesto, criativo, pacífico, justo, democrata, sensível e solidário. Curiosamente, ao descrever o político brasileiro, as características escolhidas são exatamente as opostas.
- a) Como se pode avaliar esse **contraste**?
 - b) Na mesma pesquisa, o brasileiro se define como honesto, mas afirma que cometeria um pequeno delito se ninguém ficasse sabendo. O que revelam essas respostas?
10. O bom-humor e o “piadismo” do brasileiro podem ser avaliados segundo uma **análise dialética**. Expresse-a.
11. *Somos um povo novo, vale dizer um gênero singular de gente marcada por nossas matrizes, mas diferentes de todas, sem caminho de retorno a qualquer delas. Esta singularidade nos condena a nos inventarmos a nós mesmos, uma vez que já não somos indígenas, nem transplantes ultramarinos de Portugal ou da África.*

(Darcy Ribeiro. O Brasil como problema. 1995)

O questionamento sobre a identidade nacional parte do princípio de que o Brasil e os brasileiros teriam alguma peculiaridade em relação ao resto do mundo. O problema é justamente o contrário: não temos peculiaridade nenhuma. (...) A idéia ilusória de que somos uma nação particular, com características próprias, precisa ser combatida. No dia em que percebermos que somos um país amorfo, desinteressante, sem graça, talvez comecemos a buscar alternativas reais para nossa miséria social e cultural.

(Diogo Mainardi, “Sem nenhum caráter”, Veja, 29/08/01)

Compare o ponto de vista do escritor Diogo Mainardi com o do antropólogo Darcy Ribeiro, visto na questão anterior.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

A pandemia do pandemônio

A turnê mundial do fim do mundo faz nova escala nos EUA neste sábado, dessa vez a bordo do furacão Wilma, que chega à costa americana prometendo transformar a Flórida na capital imaginária do Inferno até pelo menos o próximo final de semana. A “globalização da urucubaca” – como o presidente Lula chama tudo isso que vem acontecendo não só nos escombros de seu governo, mas também na Caxemira, Nova Orleans, Indonésia, Amazônia, Haiti, Iraque, Portugal, Índia, China... – pode ser uma reação da natureza ao clima de pandemônio que o homem cultiva no planeta.

Tem gente que não está nem aí para o apocalipse! Parte dos humanos – ô, raça! – alimenta a crença de que o mundo não vai acabar assim, de repente, em consequência nefasta de ventania, tremor de terra, inundação, aquecimento dos mares, seca, bomba atômica, calor infernal, tsunami, incêndios ou CPI. Essa gente tem, de fato, moléstias mais graves para atacar. A pandemia da tal gripe do frango, por exemplo, é apavorante. Tenho amigos que vão votar NÃO no referendo de amanhã só para garantir o direito de se armar contra o fluxo migratório das aves resfriadas. Olha lá um biguá, puuuuummm! Para a minha geração em especial, a turma que temia morrer de Aids, a perspectiva de pegar doença de galinheiro é um vexame terrível. Deve haver algum tipo de camisinha contra um negócio desses! Não é possível que uma raça capaz de inventar o iPod vá ter o destino de um pato asmático.

Talvez nada disso seja verdade! Vai ver tudo não passa de pandemia do pandemônio – ou vice-versa –, a peste da desordem. Nunca o mundo esteve aparentemente tão fora de ordem quanto agora. Vivemos numa espécie de caricatura do caos, a charge do fim. Não sabemos se vamos acabar de susto, de bala ou vício; doentes, de repente ou incandescentes. Eu, francamente, estou preparado para tudo, inclusive ouvir de um ministro do STF que lhe dói ver pai e filho presos na mesma cela, daí mandar soltar os Maluf. Como dizia o genial Caetano Veloso, “é pau, é pedra, é o fim do caminho”. Não sei por quanto tempo ainda a Terra vai tremer e José Dirceu vai fingir que não é com ele, talvez o fim do mundo não seja mesmo o Delúbio.

Me preocupa, particularmente, o surto de mal-entendidos que grassa no país da falta de assunto. Esse negócio de votar “não” para manifestar-se a favor e “sim”, contra, francamente, não dá para entender mais nada. Sinto que, cada vez menos, o que digo faz qualquer sentido aos ouvidos de quem me ouve. Eu também custo a acreditar nas coisas que escuto. Duvido do meu discernimento. Do seu, também! Duvido que alguém em sã consciência esteja entendendo direitinho que diabos está de fato acontecendo para o Arnaldo Jabor ficar irritado daquele jeito. Notícias da semana: Foz do Iguaçu vai virar Iguaçu; a Rosane Collor entrou para o partido de José Alencar; família de ladrão desaparecido paga resgate a seqüestradores; torcidas acertam pancadaria pela Internet; a Amazônia secou; ministro do Trabalho participa de suruba da Volkswagen na Alemanha...

Nada mais é suficientemente estranho para parecer inacreditável. Nesse exato momento o fim do mundo pode estar em marcha num galinheiro qualquer de Bangcoc e não adianta matar os pombos da esquina para escapar da peste. A pandemia do pandemônio só vai piorar as coisas. Procure manter a calma, ok?!

(Tutty Vasques, site No Mínimo, 22.10.2005)

1. Tutty Vasques, em seu primeiro parágrafo, aproveita-se de um fato aparentemente desprovido de caráter social para traçar uma crítica nesse sentido. Diga de que forma isso se constrói.
2. Ao longo do segundo parágrafo, uma figura de linguagem é notada com bastante frequência. Qual é ela? Justifique com uma passagem.
3. Tanto no 1º parágrafo quanto no 2º, o autor utiliza travessões em meio a seus períodos. Pode-se dizer que a justificativa, nos dois casos, é a mesma? Por quê?
4. Por estar escrevendo uma crônica, percebe-se que não há uma preocupação, por parte de Tutty Vasques, com relação à linguagem empregada, misturando, muitas vezes, formas diferentes de discurso dentro de um mesmo parágrafo. Destaque um exemplo.
5. Em determinado momento, duas frases são colocadas em seqüência pelo autor de maneira que, lidas isoladamente, poderiam ser entendidas como a tese defendida por ele ao longo do texto. Quais seriam elas?
6. Da mesma forma, Tutty Vasques faz referências a diversos aspectos e citações, tanto da atualidade quanto antigos, ao longo de 3º parágrafo. Uma característica em comum, no entanto, é o que os une. Qual seria ela?

7. Quanto à correção gramatical, há um erro no 4º parágrafo. Identifique-o.
8. Uma constatação feita nesse mesmo parágrafo permite datar seu texto, marcando sua condição temporal. Qual trecho que a apresenta e por que isso ocorre?
9. Que aspectos da argumentação de Tutty Vasques ajudam a aproximá-lo do leitor? Cite dois.